

KARL POPPER E A TEORIA DOS MUNDOS DE PLATÃO

Ac. Igor das Mercês Mairinque (*Iniciação Científica-Piic-UFSJ*)

Orientadora: Mariluze Ferreira de Andrade e Silva (*DFIME-UFJS*)

Resumo: A Filosofia da Mente de Karl R. Popper (1902-1994) estrutura-se em sua grande parte na idéia de pluralidade de Mundos do Conhecimento. Esta idéia se deve em muito ao pensamento de grandes nomes da Filosofia, como Platão (428/7-348/ a. C) e sua teoria dos dois mundos (Inteligível e Sensível). A teoria platônica é interpretada de uma maneira diferente por Popper, acrescentando aos seus argumentos algumas características pluralistas. Com isso, Popper possibilitou uma nova interpretação de Platão, e com ela, uma leitura moderna de outros pensadores, auxiliando em muito o desenvolvimento da Filosofia da Mente, bastante estudada no século XX.

Palavras-chave: Mundo das Idéias. Pluralismo. Mundo 3.

Introdução

Um dos pontos principais que caracteriza a Filosofia da Mente de Karl R. Popper (1902-1994) é a sua idéia de “Mundos”, como sendo os responsáveis pela construção do conhecimento humano. O mais importante dos “Mundos” é o terceiro, o dos produtos da mente, conhecida por Mundo 2. Estes produtos se manifestam no Mundo 1, ou seja, o mundo das coisas físicas. Esta idéia caracteriza o trabalho do filósofo em se valorizar o conhecimento e as produções humanas como oriundos de dentro do próprio homem, ou seja, ressaltando a sua *Teoria Internalista do Conhecimento*, ao contrario dos *Externalistas*, que alegam que o conhecimento é produto das relações do homem com o seu meio ambiente.

Para que Popper pudesse estabelecer as bases de sua teoria, ele recor-

reu a alguns filósofos do passado e às suas argumentações. Entre estes pensadores, se destaca Platão (428/7-348/ a. C) e a sua teoria dos dois mundos, o Mundo Inteligível (Idéias) e o Mundo Sensível (Fenômenos Sensíveis). Segundo Popper, esse aparente dualismo platônico apresenta em sua essência ares de pluralismo, devido à presença de um terceiro mundo na teoria do filósofo grego. É este “novo mundo” que leva Popper a fundamentar a sua argumentação sobre o Mundo 3 e a se tornar também um pluralista. A partir deste momento, todas as leituras filosóficas de pensadores clássicos dualistas passaram a serem feitas sob uma ótica pluralista. Porém, Popper não se considera um platônico, apresentando em sua teoria pontos diferentes dos defendidos pelo filósofo grego.

Os Mundos Platônicos

Platão (428/7-348/7 a. C) é marcado em toda a História da Filosofia como sendo um grande propagador das idéias de seu mestre, o também filósofo Sócrates (470/469-399 a. C). A sua obra literária, constituída de diálogos, tem Sócrates como o personagem principal, sempre envolvido em discussões com os mais diversos tipos de pessoas da Grécia. Deste modo, fica difícil estabelecer um ponto onde termina o pensamento socrático e onde se inicia o pensamento de Platão.

Porém, no momento em que Platão inicia sua discussão sobre a noção de *idéia*, como essência da coisa em si, independente do intelecto e de todas as outras coisas, o seu pensamento começa a tomar ares de algo próprio. Platão inicia com este estudo, um método de pesquisa de característica matemática, colocando um princípio e aceitando aquilo que está de acordo com ele, rejeitando o que está em desacordo com este mesmo princípio. Segundo Sócrates, esta é uma “ação de geometra”, que propõe hipóteses das quais se extrai as conseqüências lógicas.

A “*Idéia*” para Platão não representa um simples conceito ou uma mera representação mental. Ela representa uma causa de natureza não-física, uma realidade inteligível, ou seja, representa aquilo que o pensamento mostra quando está livre do sensível, constituindo o chamado “verdadeiro ser”. Um outro termo usado por Pla-

tão para representar esta sua noção de *Idéia* é *Paradigma*, ou seja, a *Idéia* é um modelo permanente de cada coisa (como cada coisa deve ser).

Todas as *Idéias* existem “em si” e “por si”, ou seja, não estão relacionadas a nenhum sujeito particular, nem podem ser moldadas à vontade de ninguém especificamente. Esta característica permite compreender que as *Idéias* não podem ser mais do que realmente são. Isto quer dizer que elas se mantêm sempre da mesma maneira, puras, imóveis e impossíveis de se tornarem outra coisa. Por exemplo, a *idéia* de “Belo em Si” não pode sob hipótese alguma se tornar feia. Para que algo seja considerado feio, deve estar incluído apenas na *Idéia* de “feição”.

As *Idéias* habitam uma esfera própria, mantendo suas características de unidade, pureza e imobilidade. Mas elas se manifestam em um outro plano, no das coisas sensíveis, ou seja, no nosso mundo. A partir de então, tem-se uma dualidade de mundos na filosofia de Platão no que diz respeito às coisas que existem e que podem ser conhecidas. Estes dois mundos são conhecidos pelos nomes de *Inteligível* (das *Idéias*) e *Sensível* (das *Representações*). O período da vida filosófica de Platão em que aconteceu esta descoberta do inteligível, e conseqüentemente, a sua relação com o sensível, é conhecido pelo nome de *Segunda Navegação*. Trata-se do abandono de Platão em relação aos estudos unicamente voltados aos sentidos e às coisas

físicas, como faziam os naturalistas anteriores a ele. O filósofo grego valoriza acima dos sentidos, o raciocínio puro, que é captado pelo intelecto, em outras palavras, o verdadeiro conhecimento.

Platão, após fazer esta distinção entre dois mundos, aplica estes conceitos à esfera do ser humano, construindo uma concepção dualista de homem. Aliás, este ponto é muito importante para a compreensão da Filosofia de Karl R. Popper, principalmente para saber quais foram as bases para sua idéia de dualismo e mais tarde de pluralismo.

O Mundo das Idéias ou Inteligível

Platão chamou o conjunto de Idéias de “Hiperurânio” (acima do céu), termo usado na sua obra *Fedro*. Neste “mundo” existem idéias para todas as coisas (Idéias de valores estéticos, Idéias de valores morais, Ideais de entes corpóreos, etc). Estas idéias caracterizam a chamada “substância”, que é desprovida de cor, forma ou qualquer outro aspecto físico. O importante é que todas elas são incorruptíveis e não estão sujeitas a geração.

Para Platão, ninguém poderia alcançar este mundo “superceleste”, a não ser que possuísse as condições necessárias para tal feito, no caso, possuir o conhecimento das verdadeiras causas. Apenas o filósofo, aquele que consegue desenvolver a “parte mais elevada de sua alma” poderia conhecer o Mundo Inteligível. Ele, ao

alcançar tal conhecimento, adquire as capacidades para bem viver, tanto sua vida individual, como social. Pode contemplar tais idéias e usá-las no seu mundo. O filósofo contempla o sol e pode voltar à caverna.

Diante disso, pode-se concluir que a teoria das Idéias de Platão pretendeu sustentar que o sensível só pode ser explicado mediante o recurso do supra-sensível, o relativo mediante o absoluto, o sujeito a movimento mediante o imutável, o corruptível mediante o eterno. Esta é a meta do pensamento de Platão, a busca de uma “condição incondicionada” para o conhecimento, o encontro com o absoluto fundamento da verdade. O “verdadeiro ser” é constituído pela “realidade inteligível”.

Platão, à medida que vai escrevendo seus diálogos, vai desenvolvendo a sua teoria sobre o Mundo das Idéias. No *Eutífron* ele emprega pela primeira vez as palavras “idéia” e “eidos” no sentido de forma visível ou formato. Antes, porém, estas palavras já haviam sido conhecidas através dos escritos pitagóricos, com o sentido de modelo geométrico ou figura. A cada novo escrito, vão surgindo novas idéias, aumentando ainda mais esta esfera inteligível proposta por Platão.

No *Hypias Maior* e no *Banquete*, Platão apresenta a idéia de Belo, comum a todas as coisas providas de beleza; no *Fédon* temos as idéias de Justiça, Santidade (relativas à ética) e a idéias dos opostos (dia e noite, calor e frio, etc), no *Parmênides* o

número de idéias corresponde ao número de coisas do Mundo Sensível (Bem e Justiça, também idéias para coisas grosseiras). Estas são as principais idéias encontradas por Platão, mesmo porque não há a possibilidade de se estabelecer um número definido de Idéias, pois para cada coisa há a sua idéia correlata. Apesar deste fator fundamental, ele consegue estabelecer uma “lista”, contendo algumas das idéias mais significativas encontradas e registradas em suas obras.

No *Crátilo* (Beleza e Bem); *Banquete* (Beleza); *Fédon* (Dualidade de Mundos, Supremacia do Bem ante a Beleza, Contrários); *República* (Uma Idéia para cada grupo de seres de uma mesma espécie); *Parmênides* (Justiça, Beleza, Bem, Homem, Idéias para cada ser existente no Mundo Sensível, Uno enquanto Uno e Múltiplo enquanto Múltiplo); *Teeteto* (Contrários); *Sofista* (Ser, Idêntico, Diverso, Repouso e Movimento); *Timeo* (Animal Eterno, Vivente em Si, Figuras Geométricas Elementares); *Filebo* (Mônada, Díada, Idêntico, Relação, Onde, Como, Quando, Ser, Ação e Paixão), entre diversas outras.

Mas em meio a esta gama de Idéias, uma se destaca em relação às demais, pois submete a si todas as outras. É a Idéia Máxima de Bem. Ela é identificada em alguns diálogos de Platão, como o *Parmênides* e o *Crátilo*. Esta idéia superior representa a busca do filósofo rumo ao conhecimento absoluto. Segundo Nicola

Abbagnano, em seu *Dicionário de Filosofia*

O modelo de todas as *teorias metafísicas* é a Teoria de Platão, segundo o qual o Bem é o que confere verdade aos objetos cognoscíveis, que confere ao Homem o poder de conhecê-los, que confere luz e beleza às coisas, etc; em uma palavra, é fonte de todo o ser, no homem e fora do homem (*República*, VI, 508-509b). Platão compara o Bem ao Sol, que dá aos objetos não só a possibilidade de serem vistos como também a de serem gerados, de crescerem e de nutrir-se; e, assim como o Sol que, mesmo sendo a causa destas coisas, não é nenhuma delas, também o bem como fonte da verdade, do belo, da cognoscibilidade, etc e, em geral, do ser, não é nenhuma dessas coisas e está além delas (*Ibid*, 509 b).¹

Na sua obra *Fédon*, Platão apresenta um argumento interessante e fundamental no que diz respeito à sua teoria das Idéias. É a chamada *Teoria da Reminiscência*, que diz que todo o nosso conhecimento não é resultado de um processo de construção, mas sim, de uma recordação de algo já visto anteriormente. A alma humana, antes de encarnar em um corpo, habita o Mundo Inteligível e contempla todas as idéias que nele existem. Diante disso, conclui-se também que a alma independe do corpo para existir e se apresenta como sendo imortal. O aprendizado, portanto, é uma recordação de tudo o que a alma anteriormente contemplou.

¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. p. 107

Platão representa esta sua teoria usando de um artifício muito comum à sua obra, a alegoria, no caso a de Er. Segundo esta alegoria, o pastor Er é conduzido pela deusa até o mundo dos mortos, onde estão os poetas e os adivinhos. Lá ele vislumbra as almas contemplando as Idéias e partindo para escolher uma nova vida na Terra. Ao caminho da nova vida, as almas bebem da água do rio *Lethé*, o rio do esquecimento (quem escolhe uma vida de riquezas, bebe água em grande quantidade; quem escolhe a vida de sabedoria, quase não bebe, e por isso na Terra, se lembra de muitas coisas, inclusive do conhecimento verdadeiro).

O Mundo Sensível ou das Formas

Este mundo seria um conjunto de cópias do que existe no Mundo Inteligível, construídas a partir de um artífice, que Platão denomina de “Demiurgo”. Este “criador” conseguiu dar forma a uma matéria-prima que possuía, tomando por modelo, as idéias eternas. No primeiro volume da coletânea *Historia da Filosofia*, seus autores Giovanni Reale e Dario Antiseri escrevem sobre esta questão do Demiurgo e sua criação, baseados no texto de Platão

O mundo do inteligível (modelo) é eterno, como eterno é também o Artífice (a inteligência). O mundo sensível, ao contrário, construído pelo Artífice, nasceu, isto é, foi gerado, no sentido verdadeiro do termo, como podemos ler no *Timeu*: “Ele nasceu porque se pode

vê-lo e tocá-lo, pois ele tem um corpo e tais coisas são todas sensíveis; e as coisas sensíveis (...) estão sujeitas a processos de geração e são geradas”.²

Segundo Platão, o Demiurgo criou este mundo por amor ao bem e por “bondade”, portanto o mundo não pode ser corrompido, pois não há traço de corrupção em sua formação. Entretanto, o mal vem da irredutibilidade da “espacialidade caótica”, ou seja, da matéria sensível ao inteligível (do irracional ao racional).

Portanto, o mundo sensível, é uma espécie de imitação do inteligível, tal qual uma pintura de uma árvore é uma imitação da árvore verdadeira.

Aliás, este conceito de imitação no que diz respeito à arte é levantado por Platão em sua obra *A República* como tendo grande relação à fundamentação do mundo sensível e do inteligível. Segundo ele, o objeto artístico é uma imitação de um objeto da natureza, que por sua vez, já é uma cópia de algo existente no mundo composto pelas idéias. Logo, há uma escala de imitação em relação aos seres.

Platão coloca também uma questão dentro de sua concepção de mundo sensível, o tempo. Para ele, o tempo consiste numa espécie de imagem móvel do eterno, nascida junto com o mundo. O tempo não existia antes da criação do mundo. Com isso, pode-se perceber uma estrita relação do tem-

² REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia*. Vol I. P. 143

po com as coisas que compõem o mundo. Ambos são criações de um mesmo artífice, oriundas de uma esfera inteligível.

Concepção dualista de Homem

Platão desenvolve esta concepção dualista em alguns de seus diálogos, ressaltando sempre neles as relações entre corpo e alma, baseando-se numa perspectiva metafísico-ontológica com participações de elementos religiosos derivados do *orfismo*, onde se dá uma oposição entre a alma (supra-sensível) e o corpo (sensível).

Nesta visão, o corpo é visto como sendo uma “tumba” ou “cárcere” da alma, onde ela deve cumprir as suas penas. Pela morte do corpo se dá a salvação da alma, pois ela se liberta para uma nova vida, livre das aflições e mazelas do corpo humano. Mas no decorrer de uma vida regrada, que não se prenda aos vícios e que busque sempre alcançar o conhecimento verdadeiro, o homem pode se aproximar mais esta salvação de sua alma. Isto Platão relatava no diálogo *Fédon*, que mostrava os seus últimos momentos de seu grande amigo e mestre Sócrates, na Terra.

Sendo a alma imortal e o corpo não, a alma o governa e a todas as suas paixões. Desse modo, o homem para se salvar e alcançar o Hades que Sócrates acreditava e aguardava para encontrar, deveria manter essa força da alma, não se sujeitando aos desejos do corpo. Na filosofia, ele tem esse poder, pois essa prática desperta o homem

para as verdadeiras formas e essências de todas as coisas, como elas são, e não como nos são apresentadas no mundo e captadas pelos sentidos, como meras aparências. (...) Parafraseando Heidegger, mas dando uma aura tipicamente socrática, “o homem é um ser-para-a-morte”. Não se trata de encurtar a vida, nem planejar o seu próprio fim. O que se deve fazer é tentar encontrar os verdadeiros conhecimentos, agindo de maneira decente e digna, sem se preocupar consigo mesmo, mas dedicando-se ao seu meio. Agindo assim, o “Hades Socrático” estará mais próximo.³

A Teoria pluralista de Karl R. Popper

Se Platão concebeu em sua Filosofia a Teoria dos dois mundos (Inteligível e Sensível), Karl Popper partiu por um caminho diferente do mestre grego. Desenvolveu a idéia de três mundos, porém com características dessemelhantes à dos mundos platônicos.

Enquanto que os mundos de Platão possuem um aspecto superior, com sentido metafísico e transcendente, no sentido próprio da palavra, os mundos popperianos possuem um caráter voltado para a consciência humana, ou seja, para a sua mente. Em outras palavras, a teoria dos mundos de Popper é internalista, como de fato é toda sua filosofia.

³ MAIRINQUE, Igor das Mercês. *O canto do cisne às portas do reino de Hades: Um comentário da obra Fédon, de Platão*. p.4

Popper estabelece a existência de um mundo constituído por todas as coisas reais, físicas ou não, como os livros, as casas e as teorias. Este é chamado de Mundo 1, o mundo em que as produções humanas se realizam. Estas produções são realizadas não por aspectos do ambiente do mundo, como pensam os filósofos da corrente Externalista, nem pela ação de um ser infinito e superior, mas sim da própria mente humana ou intelecto. Este é o chamado Mundo 2 de Popper, que segundo ele, desempenha importante papel na evolução do conhecimento e do próprio ser humano. Até aqui, nada de estranho, sobretudo se levarmos em conta que Popper possuía características dualistas, como o próprio Platão.

Popper realmente era um dualista no início de sua vida de pensador. Porém ele redefiniu o seu pensamento, quando descobriu a possibilidade de existência de uma nova esfera, além das duas que defendera. Pensava, se o Mundo 1 é o vasto conjunto de produções do Mundo 2, englobando as coisas físicas e as idéias que levam a essas coisas, será que estas produções não poderiam se encontrar em um lugar próprio a elas? E mais, poderia haver uma interação entre estes mundos já existentes com este novo e possível mundo?

A partir destas questões, Popper estabeleceu a existência de um Mundo 3, composto exatamente pelos produtos da mente humana. É como se fosse uma grande caixa onde as produções do Espírito Humano ficassem

armazenadas até o momento em que fossem postas em uso. Este mundo possui um aspecto de intemporalidade, ou seja, se alguma coisa é considerada verdadeira dentro dele, para sempre assim o será. O autor se via relutante em publicar algo acerca do Mundo 3 durante um bom tempo de sua vida, mas ao perceber que podia encará-lo como um produto humano, passou a valorizá-lo mais. De fato, se tornou um dos pilares de sua filosofia.

Diante desta sua nova descoberta, Popper parte para a solução de sua questão, a possibilidade de interação entre os mundos. Esta é a chamada questão mente-corpo. Sobre esta questão ele escreve em sua obra *O Conhecimento Objetivo e o Problema Corpo-Mente* (1995)

Com efeito, a questão corpo-mente será o problema do relacionamento entre os Mundos 1 e 2; se um elemento importante deste relacionamento for o fato de o Mundo 2 funcionar como intermediário entre os Mundos 1 e 3, então o problema corporemente ficará assim incompleto se não alargarmos o seu âmbito de forma a cobrir todas as relações recíprocas entre os três mundos.⁴

O Mundo 3, de fato, desempenha um importante papel em relação aos outros dois mundos, completando assim, a interação total e plena entre os três mundos do conhecimento. A mente faz o trabalho de “capturar” os produtos da esfera em que eles estão

⁴ POPPER, Karl R. *O Conhecimento Objetivo e o Problema Corpo-Mente*. p. 20

e aplica-os no mundo real. Deste modo, os Mundos 1 e 3 se ligam mutuamente, tendo o Mundo 2 como intermediário.

O filósofo liga esta idéia a uma outra estudada por ele, a do conhecimento objetivo em relação ao conhecimento subjetivo do ser humano. O conhecimento objetivo é todo aquele que se caracteriza pela tentativa de se solucionar problemas da vida. Popper concede tal importância a ele pelo fato dele oferecer ao homem grandes possibilidades de evoluir a sua própria existência na terra, a partir de novas e importantes conquistas feitas por ele mesmo, como por exemplo, o progresso do conhecimento científico na busca por novos avanços na área da medicina. O importante no conhecimento objetivo é que, como o seu próprio nome diz, que ele conclua em um objetivo, uma meta que possa ser alcançada da melhor forma possível.

Esta meta é alcançada através de um processo que Popper demonstra a partir de um pequeno e de fácil compreensão esquema chamado Quadripartido, composto pela apresentação de um problema, a definição de uma primeira teoria a qual este problema se objetivará, a eliminação de todos os erros possíveis, e finalmente, a solução do tal problema, que pode ou não vir acompanhada de um novo problema, exigindo que o processo se repita para solucionar este novo problema. O que Popper faz, ao apresentar este seu método, é exatamente fazer com que todos percebamos que o nosso conhecimento

não se dá de uma forma aleatória ou indefinida, mas sim, que é fruto de um trabalho de pesquisa e de estudo realizado por nós mesmos, seres humanos. Diferente do que muitos pensam, o conhecimento não é oferecido ao homem, mas adquirido por ele mesmo. Há que se dar importância aqui a um fator interessante e importante, o de que o ser humano possui tendências para adquirir o seu conhecimento e aplicá-lo no seu mundo.

Estas tendências caracterizam o chamado conhecimento subjetivo do homem. São as suas potencialidades, que permanecem já inerentes em seus seres, como a capacidade humana de falar ou de aprender a andar. Estas capacidades foram adquiridas a partir da evolução natural do ser humano ao longo dos tempos. Elas já existem, mas devem ser postas em prática através dos instrumentos criados pelos homens a partir de seu conhecimento, ou seja, devem ser objetivadas. Então, percebe-se que há uma relação entre estes dois tipos de conhecimento, mas só o objetivo desempenha o papel de criar e de fazer manifestar algo.

O conhecimento objetivo, tendo então esta característica de criação, é claramente um produto do Mundo 3, pois apresenta em sua composição hipóteses, suposições, teorias e soluções aos problemas humanos, elementos puramente mentais que interagem com o mundo das coisas físicas. Tanto o Mundo 3 como o conhecimento objetivo evoluem mutua-

mente, a partir das necessidades apresentadas pelo homem. De uma forma geral, o desenvolvimento do conhecimento objetivo trará novos e melhorados produtos da mente para o mundo, que serão transformados em soluções.

Popper conclui que o conhecimento se dá pela interação entre o que a mente desenvolve e como ela se manifesta no mundo.

A Interpretação popperiana da teoria dos Mundos de Platão e a sua importância na teoria dos três Mundos

Popper se mostra pluralista, ao deixar as concepções dualistas de corpo e mente, acrescentando uma terceira esfera responsável pela produção de todos os conhecimentos humanos, o chamado Mundo 3. E como um bom pluralista, ele passa a ver e analisar escritos de outros pensadores do passado a partir de sua ótica, procurando encontrar diferenças e similaridades à sua teoria.

Entre os nomes que se destacam neste trabalho, se encontra o de Platão, considerado por Popper como uma grande referência aos seus estudos.

O aspecto primordial que caracteriza a fundamentação platônica à teoria de Popper é o fato de que Platão apresenta uma pluralidade de mundos. Deve-se levar em conta de que esta interpretação é feita por Popper. Outros pensadores, inclusive o pró-

prio Platão não enxergavam tal pluralismo. Para Popper, Platão representa a fase “pré-histórica” do pensamento acerca dos mundos responsáveis pela existência das coisas. Logo, o caráter platônico da teoria popperiana é apenas o fato de que ambos apresentam um pluralismo de mundos. Isto levou a novas leituras e interpretações de outros pensadores, considerados até então dualistas. Esta mudança foi e ainda é muito útil para a crítica que os pensadores pluralistas da mente fazem aos pensadores da corrente monista, que consideram uma ameaça. No quarto capítulo de *O Conhecimento Objetivo* (1995) ele revela a seus leitores esta sua influência platônica, ressaltando apenas o caráter pluralista encontrado na obra do autor grego.

Acompanho os intérpretes de Platão que sustentam serem as Formas ou Idéias platônicas diferentes não só dos corpos e das mentes, mas também das “Idéias da Mente”, isto é, das experiências conscientes e inconscientes: as Formas ou Idéias de Platão constituem um mundo *sui generis*. Desejo fazer dessa filosofia pluralista o ponto de partida da minha discussão, ainda que eu não seja um platônico, nem um hegeliano.⁵

Mas se a contribuição, digamos positiva do pensamento de Platão à sua obra se resume apenas a este fator pluralista, Popper não deixa de comparar os dois pensamentos, apre-

⁵ POPPER, Karl. *O Conhecimento Objetivo*. p.152

sentando aquilo que diferem um do outro.

Para Platão há o Mundo das Idéias, que segundo Popper, possui um aspecto de religiosidade, de realidades absolutas. Não está aqui atribuindo a existência de deuses, nem nada associado a uma consciência absoluta. Ele é o único dos mundos que pode ser considerado como real, pois abriga em sua essência, as Idéias objetivadas e visíveis à intuição intelectual. Para Platão, o que existe neste mundo é tão real quanto o que existe na nossa chamada realidade (sensível). O Mundo da Sensibilidade permanece com sua característica habitual, a de comportar as “cópias” do Mundo Inteligível.

O “Mundo 3” de Platão, se é que se pode dar esta definição, é caracterizado pela alma humana, que está localizada entre o corpo físico e o Mundo Inteligível. É ela que vislumbra das Idéias e as perde quando toma um corpo, obrigando-o a recordar de tudo para aprender (reminiscência). Esta forma de “aprendizagem” demonstra, aos olhos de Popper, uma queda do homem, pois ele não constrói nada, apenas retoma algo que já possuía.

Popper aplica uma outra concepção no que diz respeito ao conhecimento humano. Enquanto Platão o atribui à reminiscência, Popper remete-o à ascensão, ou seja, o homem evolui à medida que constrói o seu próprio conhecimento.

Popper qualifica o seu mundo de uma maneira diferente da atribuída por Platão. O “Mundo das Idéias” de Platão é um terceiro mundo adicionado ao material e à mente. Constitui um mundo diferente dos corpos materiais ou das experiências conscientes e inconscientes da mente (*intelligibilia*), um mundo *sui generis*.

Já para Popper, o seu terceiro mundo é formado não de conceitos puros e indubitáveis, mas de conceitos, argumentos e teorias passíveis de discussão e mudanças. Os problemas não estão definidos. Podem vir a ser transformados em soluções ou não, dependendo da forma com que se trabalha nesta busca por respostas.

Em suma, o Mundo 3 de Popper é um mundo totalmente humano, criado para o seu próprio uso, à medida em que for necessário. Já o Mundo 3 de Platão representa uma esfera intermediária entre o homem e a esfera em que se localizam as Idéias puras. Em outras palavras, não é algo puramente do homem, enquanto ser presente neste mundo.

Considerações Finais

Em vista de tudo o que foi visto no decorrer deste trabalho, pode-se concluir que o principal ponto a ser observado é o fato de que Karl Popper se revelou ao mundo como um pluralista, atribuindo o conhecimento humano a três esferas ou mundos. E a partir desta descoberta, ele pôde realizar uma nova abordagem de escritos considerados clássicos e por

muito tempo impossíveis de serem reinterpretados. Com toda a certeza, este é um dos mais importantes legados deste grande pensador e pesquisador do nosso tempo, o de possibilitar a todos os que se interessam pela pesquisa, terem a possibilidade de dar novas e melhoradas visões sobre os assuntos relativos ao conhecimento humano. Sem dúvida, Karl Popper e aqueles que o segui-

ram realizaram um grande trabalho na comunidade filosófica e científica, o de derrubar as antigas paredes do pensamento, representadas pelas idéias que não se questionavam. As releituras de Platão e de outros filósofos possibilitam aprender mais sobre o que eles quiseram dizer e descobrir mais novidades, até então desconhecidas por todos.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Historia de la Filosofia (Tomo I)*. Barcelona: Hora, S.A.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1976.

POPPER, Karl R. *Conhecimento Objetivo*. São Paulo: Itatiaia Limitada -Ed. Universidade de São Paulo. 1975.

_____. *O Conhecimento e o Problema Corpo-Mente*. Lisboa: Edições 70. 1996.

POPPER, Karl R. e ECCLES, John C. *O Cérebro e o Pensamento*. Campinas: Papirus. 1992

PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Nova Cultural. 1999 (Os Pensadores)

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da Filosofia. Antiguidade e Idade Média. Vol I*. São Paulo: Paulus. 1990